



Supervisão

Sexualidade e Género em Campanhas de Prevenção da Infeção por VIH/Sida: «desconstruir para (re)educar»

Ana Frias

Centro Hospitalar Universitário de Coimbra
Universidade de Aveiro - Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores
Ana.carol.f.frias@gmail.com

Filomena Teixeira

Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação
Universidade de Aveiro - Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores
filomena@esec.pt

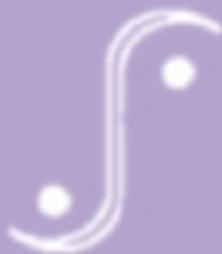
Resumo

A infeção por VIH/Sida, um dos mais graves problemas de saúde pública do mundo, afeta atualmente cerca de 35 milhões de pessoas, apesar dos progressivos sinais animadores no sentido de a contrariar, como a diminuição do número de mortes provocadas pelo VIH/Sida, o aumento do acesso ao tratamento, entre outros (UNAIDS, 2014). As campanhas de prevenção da infeção VIH/Sida, uma peça chave na resposta à epidemia, tanto pelo apoio às iniciativas de prevenção como na promoção de um ambiente livre de estigmas e discriminação, veiculam com frequência representações de género múltiplas e conflitantes (Meyer, Santos, Oliveira & Wilhelms, 2004), baseadas em estereótipos de papéis sexuais e de género (OPS, 2010). À luz de uma tão proclamada educação em sexualidade, que permita a aprendizagem de informações culturalmente relevantes e cientificamente corretas (UNESCO, 2010), é possível incorporar a análise crítica destes discursos, que “nunca dizem nada por dizer” (Gregolin, 2007, p.23) e que, impregnados de desigualdades de género (e poder), obstaculizam a prevenção (Pinto-Coelho, 2009; Rogow & Haberland, 2005). Este artigo, inserido no Projeto de Doutoramento em curso, onde se analisam campanhas de prevenção do VIH/Sida produzidas por OG e ONG de Países da CPLP entre 2000 e 2010, procura ser mais um contributo para o debate.

Palavras-chave: Campanhas de Prevenção da Infeção VIH/Sida; Educação em Sexualidade; Sexualidade; Género.

Abstract

HIV/AIDS infection, one of the severest public health problem of the world, affects nowadays c. 35 millions of people, despite the encouraging progressive signs, such as the decrease of dead caused by HIV/AIDS, and the increase of treatment, among others (UNAIDS, 2014). HIV/AIDS infection prevention campaigns, a keystone in the epidemic's answer, through the support of prevention initiatives and the promotion of stigma-free and discrimination-free environment, often carry multiple and conflicting gender representations (Meyer, Santos, Oliveira & Wilhelms, 2004), based on



stereotypes of sexual and gender roles (OPS, 2010). Before a so called effective sexual education, that enabling learning of culturally relevant and scientifically correct information, it is possible to incorporate critical analysis of these speeches, that “never say just to say” (Gregolin, 2007, p.23), and that obstruct prevention, since they are pregnant of gender (and power) inequalities (Pinto-Coelho, 2009; Rogow & Haberland, 2005). The present paper, inserted in the ongoing Doctorate Project, where HIV/AIDS infection prevention campaigns are analyzed, produced by OG and ONG of countries from CPLP (Community of Portuguese Language Countries) between 2000 and 2010, seeks to be another contribution to the debate.

Key-words: HIV/AIDS Infection Prevention Campaigns; Sexuality Education; Sexuality; Gender.

Résumé

L'infection VIH / SIDA, un des plus grands problèmes de la santé publique du monde, affecte actuellement environ 35 millions de personnes, en dépit des progressifs signes encourageants comme la diminution de morts causés par le VIH / SIDA ou encore le renforcement de traitement, entre autres (ONUSIDA, 2014). Les campagnes de prévention de l'infection VIH / SIDA sont une clé de voûte dans la réponse à l'épidémie aussi bien pour l'appui des initiatives de prévention, comme dans la promotion d'environnements sans stigmatisation et discrimination, car ces campagnes charrient fréquemment des représentations de genre multiples et contradictoires (Meyer, Santos, Oliveira & Wilhelms 2004), fondées sur les stéréotypes des rôles sexuels et de genre (OPS, 2010). Aux yeux d'une éducation sexuelle effective, qui puisse permettre une acquisition des informations culturellement pertinentes et scientifiquement correctes, il est possible d'intégrer une étude critique de ces discours, qui ne «disent jamais rien juste pour dire» (Gregolin, 2007, p.23), et, imprégnés d'inégalités de genre (et de pouvoir), entravent la prévention (Pinto-Coelho, 2009; Rogow et Haberland, 2005). Cet article qui s'insère dans l'actuel projet de doctorat, où sont analysées les campagnes de prévention de l'infection VIH / SIDA produites par les OG et ONG de pays de la CPLP (Communauté des Pays de Langue Portugaise) entre 2000 et 2010, vise à présenter une contribution à la débat.

Mots-clés: Campagnes de Prévention des Infections VIH / SIDA; Éducation en Sexualité ; Sexualité ; Genre.

Introdução

Nesta era em que se fala do *início do fim da epidemia da Sida* (UNAIDS, 2014, p. 4), apesar dos inúmeros progressos conquistados, a problemática persiste como um dos mais graves problemas de saúde pública do mundo (OMS, 2013). O VIH/Sida atinge atualmente cerca de 35 milhões de pessoas, estimando-se que 19 milhões o desconheçam (UNAIDS, 2014). O percurso estrategicamente delineado com vista à sua debelação, nomeadamente na sequência da implementação da visão estratégica da UNAIDS para 2015 desejando o “*getting to zero*” (‘zero novas infeções’, ‘zero novos casos de morte pelo VIH’ e ‘zero discriminação’), originou resultados positivos, destacando-se, por exemplo: a redução dos novos casos de VIH (um declínio de 38% desde 2001); o decréscimo do número de mortes causadas pelo VIH/Sida (35% menor do que em 2005); e o aumento no acesso ao tratamento com terapia anti-retroviral, em mais de 40 vezes (UNAIDS, 2013, 2014). Ao longo desta sua história, que gerou, à escala global, novos horizontes e caminhos nunca dantes refletidos



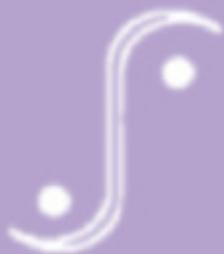
(Meliço-Silvestre, 2000), surge agora a convicção de que um novo rumo possa vir a ser brevemente alcançado. Assim, segundo a UNAIDS (2014, p.8), *“the AIDS epidemic can be ended in every region, every country, in every location, in every population and every community. There are multiple reasons why there is hope and conviction about this goal”*.

Um pouco por todo o mundo, diversos países, comprometendo-se a concretizar as metas globais projetadas pela UNAIDS, têm viabilizado este progresso. Ainda assim, o rosto (heterogéneo) do VIH/Sida denuncia o quão longo ainda é o caminho a percorrer, existindo cerca de 3,2 milhões de crianças e jovens com menos de 15 anos de idade, portadoras do VIH e 4 milhões de pessoas com idades entre os 15 e os 24 anos. De entre as crianças portadoras do VIH, 76% aguardam ainda tratamento com antirretrovirais. A cada ano que passa, cerca de 120 mil pessoas com mais de 50 anos de idade contrai a infeção (UNAIDS, 2014).

A par desta realidade, o comportamento sexual dos/as jovens, que integra de igual modo a agenda da comunidade mundial (Castro, Abramovay & Silva, 2004) e se envolve na problemática do VIH/Sida, tem vindo a revelar alguns dados inquietantes. Por exemplo, em Portugal, há estudos que alertam para: i) o aumento da dificuldade dos/as jovens recusarem relações sexuais sem preservativo; ii) o aumento da dúvida acerca dos modos de transmissão do VIH/Sida; iii) as atitudes de discriminação perante pessoas portadoras do VIH/Sida (Matos, *et al.*, 2008; Dias, 2009). Neste contexto, as desigualdades de género, que resistem à contemporaneidade e persistem um pouco por diversas sociedades, surgem como importantes obstáculos à prevenção do infeção por VIH/Sida (Pinto-Coelho, 2009; Rogow & Haberland, 2005). Atribui-se frequentemente um papel de poder desigual, menos ativo, ao universo feminino (Matos, *et al.*, 2008; Saavedra, Nogueira & Magalhães, 2010; Dias, 2009), que detém uma particular situação de vulnerabilidade (UNAIDS, 2013; Matos, *et al.*, 2008).

Um dos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milénio refere a necessidade de promover a implementação da igualdade de género e o *empowerment* das mulheres (NU, 2010). Nesse sentido, entidades governamentais e não governamentais dos mais diversos países, como acontece com a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), envolvidos também na resolução da problemática da infeção por VIH/Sida, têm publicitado algumas ações, entre as quais, campanhas de prevenção. Essas campanhas são uma área chave na resposta à epidemia (OPS, 2010). Deram a conhecer à população em geral e aos/às jovens em particular, a existência deste grave problema de saúde (Cunha-Oliveira, Cunha-Oliveira, Pita & Cardoso, 2009) e, de algum modo, contribuíram para a desmistificação de tabus sexuais tais como o uso do preservativo, a utilizar não apenas como contraceptivo mas também, como algo indispensável à prevenção do VIH/Sida (Lopes, 2006). No entanto, os seus efeitos parecem estar ainda longe do desejado, sobretudo no que diz respeito à mudança de atitudes e comportamentos que visem, não só mas também, a utilização do preservativo pelos/as jovens nos seus relacionamentos sexuais (Cunha-Oliveira, Cunha-Oliveira, Pita & Cardoso, 2009). Tais campanhas, enquanto artefactos pedagógicos que são, ao educarem sobre a prevenção, incorporam e veiculam também, representações de género, por vezes múltiplas, instáveis e conflitantes (Meyer, Santos, Oliveira & Wilhelms, 2004). No currículo cultural veiculam-se valores, engendram-se saberes, legitimam-se formas de feminilidade e de masculinidade (Teixeira *et al.*, 2010), marcas estereotipadas da própria sexualidade que importa saber questionar/interpretar. Esse papel compete à Escola.

A educação em sexualidade, imprescindível à prevenção da infeção VIH/Sida, ao permitir a



aprendizagem de informações culturalmente relevantes e cientificamente corretas (UNESCO, 2010), revê-se nos Direitos Sexuais, enquanto parte integrante dos Direitos Humanos. Ainda assim, e apesar de tão proclamada a educação em sexualidade, parece tardar a sua chegada ao meio escolar. O percurso investigativo, realizado no âmbito do Curso de Doutoramento em Didática e Formação e inserido no projeto de investigação 'Sexualidade e Género no discurso dos *media* (SGDM): implicações sócio-educacionais e desenvolvimento de uma abordagem alternativa na formação de professores/as'¹, tem indicado que a implementação de uma efetiva educação em sexualidade pode e deve incorporar a análise crítica dos *media*, nomeadamente das campanhas de prevenção da infeção por VIH/Sida.

O projeto em curso

A presente investigação, iniciada no ano de 2010, analisa concepções de Sexualidade e de Género veiculadas em Campanhas de Prevenção da Infeção por VIH/Sida, produzidas ao longo da década de 2000 por OG e ONG de Países da CPLP. O quadro teórico-metodológico adotado resulta das perspetivas dos estudos culturais, do pós-estruturalismo e da educação para os valores.

Os estudos culturais concebem a cultura como um campo de produção de significados marcado por relações de poder, e entendem o conhecimento e o currículo enquanto artefactos culturais a disputar e a interpelar (Gallagher, 2006).

O pós-estruturalismo enfatiza a linguagem e analisa as relações de poder envolvidas na produção do currículo como campo de significação, questionando as definições de "verdade", os "significados transcendentais" ou diversos binarismos como masculino/feminino, heterossexual/homossexual (Louro, 2003).

Uma abordagem crítica das problemáticas ético-sociais ligadas à sexualidade e às questões de género, adquire todo o sentido se repensada também à luz de uma educação para os valores que levante questões, suscite dúvidas e promova a discussão e reflexão sobre "as implicações do conhecimento científico e tecnológico no desenvolvimento humano" (Teixeira, *et al.*, 2010, p.681).

Nesta linha investigativa assume-se a sexualidade enquanto fenómeno complexo e indissociável da própria natureza humana, experienciado por todas as pessoas ao longo da vida e que abrange as dimensões do corpo, mente, política, saúde e sociedade, bem como o sexo, os papéis de identidade e de género, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução (Teixeira, Veiga & Martins, 2006; IPPF, 2009; UNESCO, 2010). Historicamente construída e permeada por relações de poder (Foucault, 1994), ela aprende-se a viver, tal como o género, na cultura, através dos discursos veiculados pelos *media* e por tantas outras instâncias sociais (Louro, 2008). O poder não é algo que se possui, nem algo fixo, mas antes uma relação, algo móvel e fluido, que está em toda a parte (Foucault, 1994). Ele está na origem do processo pelo que nos tornamos sujeitos de um determinado tipo, sendo o sujeito o resultado dos dispositivos que o constroem como tal (Silva, 1999). O género envolve os atributos psicológicos e as aquisições culturais que homens e mulheres vão incorporando ao longo do processo de formação da sua identidade, que tendem a estar associados aos conceitos de masculinidade e de feminilidade (Vieira, Nogueira & Tavares, 2012). Enquanto parte integrante de cada pessoa, o género ultrapassa a dimensão do desempenho de papéis (Louro, 2003). Ainda assim é possível notar no quotidiano de tantos agentes educativos, entre

¹ Projeto desenvolvido no Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro.



os quais as famílias, que se opta, com frequência, por continuar a educar de forma diferente rapazes e raparigas para o desempenho de papéis, como se a diferenciação biológica determinasse as características pessoais, as oportunidades de desenvolvimento e os percursos de vida de cada um/a (Vieira, Nogueira & Tavares, 2012).

A investigação desenhada pretendeu dar resposta às seguintes questões:

Q1. Quais os modos de educar a Sexualidade e o Género presentes nas campanhas de prevenção da infeção VIH/Sida?

Q2. Que relações se estabelecem nos *media* entre Sexualidade, Género e Sida?

Q3. Como integrar em materiais didáticos, a utilizar em sala de aula, abordagens críticas das conceções de Sexualidade e Género identificadas no discurso dos *media*, nomeadamente em campanhas de prevenção da infeção VIH/Sida?

Inerida nos pressupostos da investigação qualitativa, as opções metodológicas englobaram um conjunto de técnicas e métodos, tais como: a análise documental e videográfica, a análise de conteúdo, a análise crítica do discurso e a entrevista.

A análise documental e videográfica justifica-se uma vez que o *corpus* do estudo inclui exclusivamente 81 *spots* publicitários sobre prevenção do VIH/Sida, que importa documentar e situar nas respetivas fontes.

A análise de conteúdo relevante para a codificação e formulação de categorias de análise incide sobre a descrição dos *spots* visionados (um discurso multimodal constituído por mensagens verbais e não verbais, imagens, personagens, gestos, entre outros elementos presentes em cada uma das cenas).

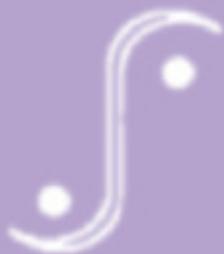
Uma vez que se assume a linguagem como um meio não neutro, utilizada para refletir ou descrever o mundo (Gill, 2008), recorreu-se à análise crítica do discurso implicando para tal os contributos da sociosemiótica de Kress & Van Leeuwen (2006) no campo da publicidade.

No sentido de enriquecer a análise, contemplando os contributos de quem concebe/produz *spots* de prevenção da infeção por VIH/Sida, realizou-se uma entrevista a um agente de uma OG responsável pela sua produção.

A análise e interpretação 'daquilo que existe dentro' de cada campanha (considerando, como referem Albarello, Digneffe, Hiernaux, Maroy, Ruquoy & Saint-Georges, 2005, p.157, que os conteúdos não são textos nem discurso, são tudo aquilo "*que existe dentro*") implicou a construção de um guião de análise, que teve por base a metodologia proposta por Díez Gutiérrez (2004). O referido guião, previamente validado numa sessão com especialistas² foi posteriormente testado numa oficina de formação de professores/as³. A proposta metodológica seguida na sua elaboração, igualmente adotada e adaptada no Projeto SGDM apresenta, a diversos agentes sociais, a possibilidade de desconstruir discursos sobre a sexualidade e o género veiculados nos *media*. A referida metodologia, envolvendo a "*experimentação, reflexão e atuação*", pretende desenvolver um olhar cada vez mais crítico e comprometido com a transformação daquilo que se 'vê'. Esquematiza-se em quatro fases (Díez Gutiérrez, 2004, p.430):

² Esta sessão realizada na Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC) reuniu docentes e investigadores, especialistas em questões de sexualidade, género e media.

³ Oficina de Formação "Sexualidade e género nos media: desafios éticos e educacionais", realizada em 30/11/11 na ESEC.



(1) “Aprender a Olhar” – em que se pretende exercitar o olhar crítico, observando como os signos plásticos, icónicos e verbais, ajudam a construir uma determinada perspetiva da realidade. Orienta-se um olhar sobre homens e mulheres, sobre as suas identidades e papéis sociais.

(2) “Compreender e analisar” – pressupõe-se dar mais um passo no processo de desconstrução dos significados aparentes, sinalizados na fase anterior. Convida a analisar imagens, papéis e intenções na ação.

(3) “Interpretar e avaliar” – onde importa ter consciência dos estereótipos e da discriminação que se produz no discurso analisado por razão de sexo e género, e ativar o juízo crítico intencional, dando voz e palavra às suas próprias interpretações sobre a realidade que se está a analisar e avaliar.

(4) “Transformar” – orientando cada um/a a pensar e elaborar propostas alternativas às mensagens veiculadas, a recriar uma nova história, livre de estereótipos. Oferece-se simultaneamente a possibilidade de se comprometerem definitivamente com a obra que criaram.

Dando sequência a estas quatro fases, o guião construído integrou, num primeiro momento, questões relativas à identificação de cada campanha (título, data, formato, entidade produtora, público-alvo, entre outras). Em seguida, deu relevância à descrição da campanha (síntese do *spot*, mensagens sobre sexualidade e género veiculadas, valores, entre outras). Por fim atendeu à sua transformação (em que medida a campanha é ou não transformadora). Os dados obtidos foram organizados em função de cinco grandes temáticas de análise: 1) a quem se destina a campanha?; 2) Qual a finalidade?; 3) Conteúdo; 4) Participantes representados; 5) Em que medida é ou não transformadora?. A cada uma delas corresponderam ainda categorias e subcategorias, algumas das quais emergiram da própria análise. Sobre os resultados obtidos é possível, até ao momento, considerar alguns aspetos sobre a sexualidade e o género que à luz do entendimento assumido merecem ser discutidos, não apenas no contexto da educação em sexualidade, mas também numa lógica de direitos humanos.

Campanhas de prevenção da infeção VIH/Sida: desconstruindo ‘indícios de desigualdade’

Sendo certo que as novas formas de exclusão social atingem preferencialmente quem não pode/ consegue comunicar através dos *media*, ou ainda quem não tem a capacidade de avaliar o seu conteúdo de forma crítica, importa cada vez mais saber distinguir entre o real e aquilo que efetivamente veiculam os discursos destes dispositivos (Dumont, 2007). Considerando o percurso da presente investigação, comprometida com a necessidade de fomentar, por entre os/as jovens e adultos/as, um ‘espírito crítico’, de desconstrução das “verdades” sobre sexualidade e género mediatizadas, que diariamente se consomem (Pinto & Nogueira, 2008), veiculadas também em campanhas de prevenção do VIH/Sida, sistematizam-se agora algumas ideias implicadas nos discursos analisados bem como pistas para reconfigurar novas possibilidades para educar em sexualidade. A análise recaiu sobre 81 *spots* de campanhas de prevenção da infeção por VIH/Sida, oriundos de 4 países da CPLP (Portugal, Brasil, Moçambique e Angola).

Embora se reconheça que em cada campanha analisada existe um esforço válido e relevante no sentido de transformar a problemática da infeção VIH/Sida, procurando minimizar as



suas repercussões em cada ser humano e agindo em prol do bem comum (uma intenção 'transformadora'), igualmente se percebe, independentemente do contexto de onde provêm e/ou das estratégias utilizadas para atrair/seduzir os respectivos público-alvo, a persistência de um conjunto de 'indícios de desigualdade' afetos à sexualidade e ao gênero. Ou seja, por entre os diversos achados da investigação, alguns deles muito positivos, relacionados com o conteúdo das mensagens sobre a infecção VIH/Sida (prevenção, não discriminação, entre outras), ou até mesmo, em alguns spots, sobre a sexualidade e o gênero, poderá desde já afirmar-se que o mais frequente nestes discursos, multimodais, são as visões estereotipadas da sexualidade e do gênero, implicadas em desiguais relações de poder.

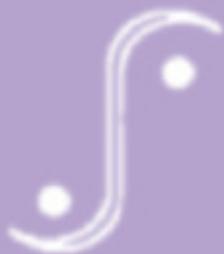
Estes 'indícios' parecem ancorar masculinidades e feminilidades a territórios distintos, muito singulares, onde homens e mulheres se disputam, a si e aos papéis, tão definidos e próprios e, simultaneamente, ainda tão tradicionais. Nos discursos sobre o VIH/Sida analisados, a masculinidade veiculada tem vindo a associar-se mais frequentemente à autonomia, à supremacia, confiança e virilidade, enquanto a feminilidade parece querer disputar a beleza, a sensualidade e a docilidade, tal como sugerem outras investigações no âmbito dos *media* (Teixeira, *et al.*, 2010). O homem/rapaz que surge um pouco por todo o *corpus* do estudo assume ser, na maior parte das vezes, a personagem central da ação, com mais poder e autonomia. A tão proclamada igualdade de gênero e o *empowerment* das mulheres (NU, 2010; UNAIDS, 2013), ainda não integra o discurso de muitas campanhas, independentemente da entidade produtora (OG ou ONG), do país de origem, ou da época em que foram concebidas. O pensamento binário assente em esquemas dicotómicos masculino/feminino e heterossexual/homossexual (Louro, 2003; Mariano, 2005) persiste.

Por outro lado, 'as sexualidades' encontradas no *corpus*, veiculadas mais frequentemente em discursos heteronormativos, excluem algumas possibilidades, como a homossexualidade feminina, por exemplo, que à luz das orientações governamentais mundiais sobre prevenção da infecção por VIH/Sida, não o devem ser. O sexo, que quando surge nestas campanhas se faz por intermédio do apelo ao uso do preservativo masculino, é também ele veiculado, na maior parte das vezes entre heterossexuais e sempre penetrativo. A própria ideia de sexo que é veiculada nas campanhas, sendo este apenas uma parte da sexualidade, exclui possibilidades que integram o quotidiano de tantos seres humanos (o sexo oral, por exemplo). O corpo também persegue um padrão, um ideal havendo, nas campanhas analisadas, corpos que raramente se exibem (pessoas com deficiência física, por exemplo).

Ainda que apenas 4 campanhas do *corpus* veiculem uma intenção clara de ultrapassar estes e outros estereótipos e de evitar a subordinação feminina, a maior parte dos discursos analisados sobre a prevenção da infecção por VIH/Sida mostra não ser capaz de o fazer.

Reconfigurando novas possibilidades para educar em sexualidade: envolvendo a formação de professores/as

Nesta era, que (ainda) é de VIH/Sida, em que tanto se proclamam novas possibilidades no âmbito da educação em sexualidade (Saavedra, Nogueira & Magalhães, 2010; Teixeira, 2012), a problematização das questões de gênero veiculadas nos discursos mediáticos sobre a infecção VIH/Sida é, para além de uma recomendação (OPS, 2010), uma oportunidade para diversos agentes se envolvam na sua efetiva implementação. Nela se reclama, cada vez mais, o debate das diferenças e relações de gênero, para ajudar os/as jovens a compreender que os papéis associados à



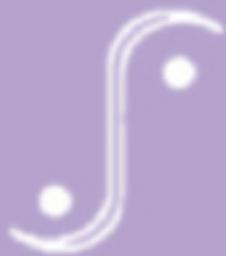
masculinidade e à feminilidade não resultam de imposições “naturais” inerentes à diferença entre os sexos, mas sim de construções sócio históricas (Gubert, Santos, Aragão, Pereira, Vieira & Pinheiro, 2009). Importa, por exemplo, que se manifeste a intenção de romper com a visão heterossexista e normativa, que ainda marca tantos discursos sobre o VIH/Sida (idem), à semelhança do que acontece no *corpus* de análise da presente investigação. É imprescindível “duvidar da norma, questionar as hegemonias, a normalidade conservadora, explicitar os mecanismos históricos e políticos que marcam os diferentes como significativamente indesejáveis” (Furlani, 2008, p.112).

Mas, a educação em sexualidade é, por vezes, ainda, sinónimo de controvérsia e polémica em vários contextos, muito em virtude da multiplicidade de visões, crenças e valores dos /as envolvidos/as (alunos/as, pais, mães, professores/as, entre outros/as), bem como tabus e interdições que histórica e socialmente têm cercado os temas que com ela se relacionam (Castro, Abramovay & Silva, 2004). Aos professores e às professoras, elementos chave na sua mediação e implementação (Silva & Saavedra, 2012), relevantes também enquanto formadores/as de opinião sobre questões relacionadas com as práticas sexuais, valores e atitudes vinculadas ao sexo (Ribeiro, 2013), cabe assumir o desafio profissional de promover uma educação em sexualidade integral e alicerçada nos direitos humanos (Marques, 2010). Paradoxalmente, a sua inscrição nos *curricula* de formação destes agentes não tem sido acompanhada de mudanças significativas nas práticas, até porque ninguém é “obrigado” a fazê-lo (Oliveira & Chagas, 2010). Cada vez mais se lhes recomenda “o acesso a cursos de especialização, de pós-graduação e de extensão em sexualidade e educação sexual para superarem constrangimentos” e poderem abordar a sexualidade “de forma integral e compreensiva, com recurso a metodologias ativas e participantes” (Carta de Aveiro, 2010, p.415). Defende-se também a necessidade de inscrever as questões de género nos *curricula*, sob pena de afetar a qualidade da educação (Silva & Saavedra, 2012).

Caminhando neste sentido, o percurso da investigação em causa, tem vindo a demonstrar que a utilização dos artefactos mediáticos em contexto de sala de aula, com vista à sua leitura crítica e desconstrução de discursos sobre sexualidade e género, é possível, sendo recebida com agrado por professores e professoras, que reconhecem a necessidade de formação na área da educação em sexualidade. Aquando da realização da oficina de formação de professores/as, partindo do visionamento de 2 *spots* de uma campanha inserida no *corpus* do estudo, propiciou-se o debate com vista à desconstrução de concepções de sexualidade e de género veiculadas nos seus discursos. Acresce referir ter ainda sido possível refletir sobre ‘indícios de desigualdade’, e possibilidades de ‘transformação’ dos *spots* da campanha, sugerindo outros modos de contar as mesmas histórias, em que mulheres e homens pudessem disfrutar de iguais liberdades, direitos e relações de poder. Este contexto de debate, com esta metodologia de trabalho, gerou novas possibilidades para desconstruir também as concepções de sexualidade e de género de cada professor/a e de as reconfigurar. Vislumbraram-se ainda propostas de atuação em meio escolar, no quotidiano de cada um/a, independentemente da área curricular que lecionam.

Considerações finais

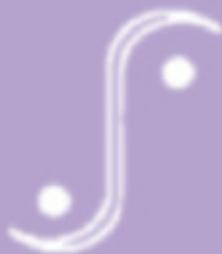
A prevenção da infeção por VIH/Sida e de ambientes livres de estigma e de discriminação requerem, efetivamente, um esforço de comunicação (Lopes, 2006). As campanhas de prevenção, uma peça chave neste domínio, devem ser lidas de modo atento e crítico, sob pena de não conseguirem produzir os efeitos desejados no seio das audiências que pretendem alcançar. Seguindo as



orientações da OPS (2010), que alerta para a necessidade de problematizar as questões de género veiculadas nos discursos sobre o VIH/Sida, convidando também à produção de guiões didáticos que reconheçam e distingam normas e papéis de género, o estudo realizado mostrou ser um contributo neste sentido. Assim, não apenas promoveu competências de leitura crítica do currículo cultural das campanhas, como também permitiu 'novas' representações da sexualidade humana, num tempo que ainda sendo de Sida, alberga, em simultâneo, amplas possibilidades e poucas certezas (Louro, 2008). Na verdade, a presente investigação demonstra ser benéfico envolver os/as professores/as neste compromisso de construção e desconstrução crítica de discursos mediáticos sobre a infeção por VIH/Sida, onde tenha lugar a emancipação, a igualdade de género e a dignidade humana. Esta sugere ser uma oportunidade para que nas escolas, os/as docentes, em colaboração com os/as jovens, possam (re)pensar novos sentidos para aprendizagens significativas com reflexo nas vivências em comum.

Referências Bibliográficas

- Albarello, L., Digneffe, F., Hiernaux, J., Maroy, C., Ruquoy, D. & Saint-Georges, P. (2005). *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Traduzido por Luísa Baptista. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 2005.
- Carta de Aveiro (2010). In Teixeira, F., Martins, I. P., Ribeiro, P. R. M., Chagas, I., Maia, A. C. B., Vilaça, T., Maia, A. F., Rossi, C. R., & Melo, S. M. M. (Orgs.). *Sexualidade e Educação Sexual: Políticas Educativas, Investigação e Práticas* (pp.413-416). Braga: Edições CIEd - Universidade do Minho (ebook). Disponível em <http://www.ua.pt/cidfff/PageText.aspx?id=11400>
- Castro, M., Abramovay, M. & Silva, L. (2004). *Juventudes e Sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil.
- Cunha-Oliveira, A., Cunha-Oliveira, J., Pita, J. & Cardoso, S. (2009). O que se diz sobre VIH/SIDA e suas repercussões na prática preventiva dos jovens. In J., Bonito (Coord.) *Educação para a Saúde no Século XXI – Teorias, Modelos e Práticas*, vol. II (pp. 957-972). Évora: Universidade de Évora.
- Dias, S. (2009). *Comportamentos Sexuais nos Adolescentes: Promoção da Saúde Sexual e Prevenção do VIH/SIDA*. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Díez Gutiérrez, E. J. (Dir.). (2004). *La diferencia sexual en el análisis de los videojuegos*. Madrid: CIDE/ Ministerio de Educación y Ciencia, Instituto de la Mujer/Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales.
- Dumont, B. (2007). *Les recommandations du Conseil de L'Europe en matière de politiques éducatives relatives aux média*. Disponível em http://ec.europa.eu/avpolicy/media_literacy
- Foucault, M. (1994). *História da Sexualidade I - A Vontade de Saber*. Lisboa: Relógio d' Água.
- Furlani, J. (2008). Mulheres só fazem amor com homens?: A Educação Sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. *Pro-Posições*, v. 19, n. 2(56), 111-131.
- Gallagher, M. (2006). Perspectivas Feministas sobre os Media. *Ex Aequo*, 34, 11-34.
- Gill, R. (2008). Análise de Discurso. In Bauer, M & Gaskell, G. (Eds.), *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático* (pp. 244-269). Petrópolis.
- Gregolin, M. (2007). Análise do discurso e media: a (re)produção de identidades. *Comunicação, Mídia e Consumo*. São Paulo, 4(11), Nov., 11-25.



- Gubert, F., Santos, A., Aragão, K., Pereira, D., Vieira, N. & Pinheiro, P. (2009). Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 11(1),165-72. <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n1/v11n1a21.htm>
- IPPF (2009). Direitos Sexuais: uma Declaração da IPPF - International Planned Parenthood Federation (Edição em Português de BEMFAM). Rio de Janeiro: BEMFAM. Disponível em www.bemfam.org.br
- Kress, G. & Van Leeuwen, T. (2006). *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London, NY: Routledge.
- Lopes, O. (2006). *SIDA: Os media são deuses de duas cabeças. Como estruturar campanhas de Saúde Pública*. Viseu: Psico & Soma.
- Louro, G. (2003). *Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva Pós-estruturalista* (6ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes.
- Louro, G. (2008). Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições* (Vol. 19), 2(56), 17-23.
- Mariano, S. (2005). O sujeito do feminismo e do pós-estruturalismo. *Estudos Feministas*. 13(3):320, setembro-dezembro, 483-505.
- Marques, F. (2010). Os trajectos da Sexualidade entre a esfera íntima e a esfera pública. In F. Teixeira, I. P. Martins, P. R. M. Ribeiro, I. Chagas, A. C. B. Maia, T. Vilaça, A. F. Maia, C. R. Rossi, & S. M. M. Melo (Orgs.). *Sexualidade e Educação Sexual: Políticas Educativas, Investigação e Práticas* (pp.261-270). Braga: Edições CIEd - Universidade do Minho (ebook).
- Matos, M., Simões, C., Tomé, G., Camacho, I., Ferreira, M., Pereira, S., & Morais, M. (2008). O Comportamento Sexual dos Adolescentes Portugueses - Estudo: Health behaviour in School-aged Children (HBSC). In M. Matos (Coord.), *Sexualidade, Segurança & Sida: Estado da Arte e Propostas em Meio Escolar* (pp. 43-116). Cruz Quebrada: Aventura Social e Saúde.
- Meliço-Silvestre, A. (2000). Do velho para o novo milénio. In L. Veiga, A. Meliço-Silvestre, F. Teixeira & I. Martins (Eds.), *Nem sempre o silêncio é de ouro – o caso da SIDA* (pp.7-9). Coimbra: Instituto Politécnico de Coimbra.
- Meyer, D., Santos, L., Oliveira, D. & Wilhelms, D. (2004). 'Mulher sem-vergonha' e 'traidor responsável': problematizando representações de género em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS. *Estudos Feministas*, 12(2): 264, Maio-agosto, 51-76.
- NU. (2010). *Objetivos de desarrollo del Milenio, Informe 2010*. Disponível em <http://www.undp.org/spanish/mdg/goal3.shtml>
- Oliveira, M. & Chagas, I. (2010). Investigação em Educação Sexual em Portugal. In F. Teixeira, I. P. Martins, P. R. M. Ribeiro, I. Chagas, A. C. B. Maia, T. Vilaça, A. F. Maia, C. R. Rossi, & S. M. M. Melo (Orgs.). *Sexualidade e Educação Sexual: Políticas Educativas, Investigação e Práticas* (pp.139-167). Braga: Edições CIEd - Universidade do Minho (ebook).
- OMS (2013). *Diez datos sobre el VIH/SIDA*. Disponível em <http://www.who.int/features/factfiles/hiv/facts/es/>
- OPS (2010). *La perspectiva de género en las cuñas televisivas sobre VIH*. Disponível em <http://www.>



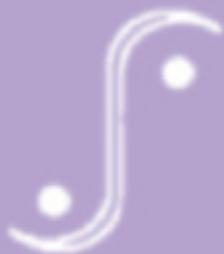
Supervisão

Indagatio Didactica, vol. 6(4), dezembro 2014

ISSN: 1647-3582

icwlatina.org/icw/imagenes/biblioteca/cunas_FINAL3.pdf

- Pinto, P. & Nogueira, C. (2008). Heterossexuais-em-progresso: A construção mediática da "adolescência". *Sexualidade & Planeamento Familiar*, 50/51, Julho/Dezembro, 16-22.
- Pinto-Coelho, Z. (2009). A Política de Género na Representação Visual do VIH/SIDA: O Caso dos Jornais Portugueses. *Media & Jornalismo*, vol. 8, 15(2), 103-123.
- Ribeiro, P. (2013). A educação sexual na formação de professores: sexualidade, género e diversidade enquanto elementos para uma cidadania ativa. In A. Rabelo, G. R. Pereira & M. A. Reis (Orgs.) *Formação docente em gênero e sexualidade: Entrelaçando teorias, políticas e práticas*. Petrópolis: De Petrus et Alli.
- Rogow, D., & Haberland, N. (2005). Education on sexuality and relationships: a perspective of social studies. *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, 5(4), Nov., 333-344.
- Saavedra, L., Nogueira, C. & Magalhães, S. (2010). Discursos de Jovens Adolescentes Portugueses sobre sexualidade e amor: implicações para a Educação Sexual. *Revista Educação & Sociedade*. 31 (110), jan./mar., 135-156. Disponível em www.cedes.unicamp.br
- Silva, P. & Saavedra, L. (2012). Género e currículo: as e os docentes na educação para a igualdade. In Pomar, C. (Coord.), et al., *Guião de Educação Género e Cidadania: 2º Ciclo do Ensino Básico* (pp.63-66). Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Silva, T. (1999). *Documentos de Identidade. Uma Introdução às Teorias do Currículo*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Teixeira, F. (2012). Sexualidade e Género nos Media: Implicações na Formação de Professores/as [Resumo]. In *II Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual "Pesquisas, Intervenções e Direitos": Anais do II Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual, II Congresso Brasileiro de Educação Sexual, IV Simpósio de Sexualidade e Educação Sexual*, Araraquara, São Paulo, 15-17 Nov., 2012. Disponível em www.fclar.unesp.br/#!/pos-graduacao/stricto-sensu/educacao-sexual/eventos/
- Teixeira, F., Marques, F., Sá, P., Vilar-Correia, M., Couceiro, F., Folhas, D., ... Lopes, P. (2010). Sexualidade e género nas revistas juvenis: o caso da Bravo. In F. Teixeira, I. P. Martins, P. R. M. Ribeiro, I. Chagas, A. C. B. Maia, T. Vilaça, A. F. Maia, C. R. Rossi, & S. M. M. Melo (Orgs.). *Sexualidade e Educação Sexual: Políticas Educativas, Investigação e Práticas* (pp.285-291). Braga: Edições CIEd - Universidade do Minho (ebook).
- Teixeira, F., Martins, I., Veiga, M., Couceiro, F., Sá, P., Correia, M. R., et al. (2010). Sexualidade e Género no Discurso dos Media: Implicações Sócio-Educacionais e Desenvolvimento de uma Abordagem Alternativa na Formação de Professores(as). In M. J. Silveirinha, A. T. Peixinho & C. A. Santos (Eds.), *Género e Culturas Mediáticas* (pp. 675-693). Mariposa Azul. (Ebook)
- Teixeira, F., Veiga, L., & Martins, I. (2006). Sexualidade e Educação: um estudo com futuros Professores. In U. d. Málaga (Ed.), *Las relaciones CTS en la Educación Científica* (pp. 1-8). Málaga.
- UNAIDS (2013). *AIDS by the numbers*. Disponível em www.unaids.org
- UNAIDS (2014). *The Gap report*. Disponível em <http://www.unaids.org/en/resources/campaigns/2014/2014gapreport/gapreport>
- UNESCO (2010). *Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade: Uma*



Supervisão

Indagatio Didactica, vol. 6(4), dezembro 2014

ISSN: 1647-3582

abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde (vol. 1). Disponível em www.unesco.org/aids.

Vieira, C. (Coord.), Nogueira, C. & Tavares, T. (2012). De que falamos quando falamos em cidadania e educação? In C. Pomar (Coord.), *et al.*, (2012). *Guião de Educação Género e Cidadania. 2º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.